

UNIVERSIDADE LA SALLE

Contribuições e desafios da Terapia Assistida por Cães no cuidado à saúde mental

Alessandra Paulina Rodrigues da Rosa¹
Maria de Lourdes Borges²

Resumo:

Este artigo propõe uma análise das contribuições e limitações da Terapia Assistida por Cães (TAC) no âmbito da saúde mental humana, contemplando diferentes contextos clínicos e institucionais. O objetivo central deste estudo consiste em compreender as principais contribuições e desafios da TAC no cuidado à saúde mental. Para atingir este objetivo, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, utilizando critérios de seleção, análise e organização de estudos segundo o protocolo PRISMA (2020). Foram incluídos na análise 17 estudos de produção nacional e internacional, publicados no período de Janeiro de 2020 a Junho de 2025, e presentes nas bases de dados BVS, CAPES e Web Of Science. Os estudos analisados evidenciam que a TAC pode promover o bem-estar emocional, diminuindo sintomas de estresse, ansiedade e depressão. Além disso, constatou-se um reforço nos laços afetivos e uma melhora na interação social entre os participantes, independentemente das idades ou do contexto clínico. Mesmo com aspectos positivos, ainda persistem limitações como a falta de padronização de protocolos de intervenção, o número reduzido de participantes nos estudos e a escassez de pesquisas de longa duração, dificultando o reconhecimento dessa intervenção como uma prática sustentada em evidências científicas. A TAC representa uma estratégia que resgata um olhar humanizado no cuidado em saúde mental. Contudo, seu avanço depende de um rigor metodológico, de uma interação efetiva entre profissionais de áreas diferentes e de um monitoramento ético permanente, assegurando resultados confiáveis e respeitosos tanto para os pacientes quanto para os animais envolvidos.

Palavras-chave: Terapia Assistida por Animais. Cães. Saúde Mental.

¹Graduanda de psicologia da Universidade La Salle, E-mail alessandra.202010531@unilasalle.edu.br e alessandrapaulina16@gmail.com, Orcid <https://orcid.org/0009-0001-5769-298X>. Trabalho de Conclusão de Curso, Semestre 2025/2.

² Psicóloga, doutora e mestre em Administração. Professora da graduação de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. E-mail: maria.borges@unilasalle.edu.br e maluborg@gmail.com e Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1277-5773>.

1. Introdução

Do ponto de vista histórico, a relação entre humanos e cães possui registros pré-históricos, com evidências arqueológicas de que a convivência entre as duas espécies trazia benefícios mútuos (Tavera; Sena, 2016). A psiquiatra Nise da Silveira foi uma das pioneiras no Brasil a introduzir cães como co-terapeutas no hospital Psiquiátrico do bairro Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, em uma época marcada por tratamentos psiquiátricos invasivos como a lobotomia e a eletroconvulsoterapia, na década de 1950 (Rocha, 2015; Almeida, 2014).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é entendida como uma forma de intervenção terapêutica que traz animais para o processo de cuidado, com a intenção de complementar os tratamentos convencionais e melhorar o bem-estar emocional, cognitivo e físico de pacientes, profissionais e os próprios animais envolvidos. Diversas espécies podem ser empregadas como co-terapeutas como cães, gatos, coelhos, cavalos, aves e até lhamas (Martins; Rodrigues, 2025). Entre essas possibilidades, destaca-se a Terapia Assistida por Cães (TAC), também conhecida como cinoterapia, que tem se mostrado o mais frequente, principalmente por sua facilidade em interagir e criar laços afetivos com seres humanos (Pereira *et al.*, 2021). Nos últimos anos, essa modalidade da TAA tem ganhado maior reconhecimento, sendo apontada por diferentes estudos como uma prática capaz de favorecer aspectos da saúde mental, física e social em variados contextos clínicos (Machado *et al.*, 2020; Pereira *et al.*, 2021; Martins; Rodrigues, 2025).

Os ambientes clínicos e institucionais, muitas vezes são associados a dor, sofrimento e isolamento, podem intensificar sentimentos como ansiedade, estresse e solidão nos pacientes internados e, nesse contexto, a TAC apresenta-se como recurso capaz de humanizar o tratamento indicado, e que pode promover maior qualidade de vida durante o período de intervenção (Medeiros; Carvalho, 2008). Os benefícios atribuídos à TAC incluem a redução da solidão, melhora na comunicação, estímulo à autoconfiança, fortalecimento de funções cognitivas e físicas, redução de estresse e ansiedade, melhora nos sinais vitais, aumento da motivação e da produção de serotonina, além de favorecer a adesão ao tratamento e melhorar a socialização (Medeiros; Carvalho, 2008). Pesquisas de Ichitani e Cunha (2016), Squilasse e Squilasse Junior (2018) apontam ainda que a presença dos cães nos hospitais pode contribuir para o alívio da dor e para a melhoria do bem-estar emocional, transformando a percepção negativa do ambiente hospitalar em algo

agradável. Além disso, demonstram que atividades mediadas por cães, como os momentos de aproximação, ajudam a reduzir a dor, melhorar o humor e criar uma expectativa positiva em torno das visitas dos animais.

O cuidado em saúde vem, ao longo dos anos, se ampliando para além da dimensão física da doença. Além disso, o aumento das doenças crônicas e o alto custo dos tratamentos tradicionais têm levado muitas pessoas a buscar alternativas de cuidado que sejam mais próximas, humanas e integrativas. Nesse contexto, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), reconhecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ganham espaço por proporem uma abordagem terapêutica que integra corpo, mente e espiritualidade. (Soares; Girondole, 2021). As PICS servem como aliadas de tratamentos tradicionais e ampliam o leque de opções de tratamento, sendo um componente da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Brasil e atuantes no Sistema Único de Saúde (SUS) desde 2006, que conta com 29 modalidades terapêuticas disponíveis (Brasil, 2025; Soares; Girondole, 2021).

Apesar da TAA não fazer parte das práticas regulamentadas e disponíveis pelo SUS (Brasil, 2022), estudos demonstram que a interação mediada por cães-terapeutas pode promover redução significativa de marcadores de estresse, ansiedade e depressão, além de facilitar a relação terapêutica (Silva *et al.*, 2018). Contudo, é fundamental considerar as contraindicações dessa prática, que incluem casos de alergias, fobias específicas, imunossupressão, lesões tegumentares extensas ou manifestações comportamentais agressivas (Pereira *et al.*, 2021). Tais limitações exigem protocolos rigorosos que envolvem seleção de cães e adestramento especializado dos animais, acompanhamento por profissionais qualificados, e controle sanitário abrangente, incluindo higienização periódica, esquema vacinal atualizado e controle de ectoparasitas (Silva *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2017).

Apesar das evidências científicas que atestam os benefícios da TAC, incluindo melhoria do bem-estar emocional, fortalecimento da aliança terapêutica e maior adesão a tratamentos convencionais, ainda persistem lacunas significativas na literatura. Particularmente, observa-se carência de estudos que analisem os desafios operacionais para implementação em clínicas e instituições, e que proponham diretrizes para integração segura e ética da TAC nos modelos de cuidado em saúde mental (Pereira *et al.*, 2021; Martins; Rodrigues, 2025).

Diante deste contexto, justifica-se a necessidade da produção de estudos teóricos abrangentes sobre as contribuições, limitações e aplicabilidade da TAC no cuidado à saúde mental. Para a produção deste artigo, utilizou-se a seguinte pergunta norteadora: **quais são as principais contribuições e desafios da Terapia Assistida por Cães (TAC) no cuidado à saúde mental, segundo uma revisão sistemática da literatura?**

2. Referencial Teórico

2.1 Contexto histórico da relação entre humanos e animais e os primeiros indícios da TAC

A relação entre seres humanos e animais possui registros desde os períodos pré-históricos, quando os animais se aproximavam em busca de restos de alimentos e, em troca, alertavam os homens sobre a presença de predadores, configurando uma relação de ajuda mútua (Rocha, 2015; Tavera; Sena, 2016).

Foi no século XVII que surgiram os primeiros registros da importância dos animais no processo de socialização e modificação de comportamentos nos humanos. John Locke, em 1699, defendia que crianças deveriam receber animais como cachorros, aves ou esquilos, para que pudessem desenvolver vínculos afetivos e senso de responsabilidade (Serpell, 2011). Já em 1792, na Inglaterra, William Tuke conduziu um dos primeiros experimentos documentados de terapia com animais no hospital psiquiátrico York Retreat, onde o contato com animais de estimação passou a ser utilizado como parte do tratamento de pessoas em sofrimento psíquico (Serpell, 2011; Medeiros; Carvalho, 2008).

O psicoterapeuta infantil Boris Levinson também se destacou como um dos pioneiros da Terapia Assistida por Animais (TAA). Em 1969, ele publicou o intitulado *The dog as a co-therapist*, obra que demonstra os benefícios da interação com cães no tratamento de crianças em reabilitação da saúde mental (Kruger; Serpell, 2006; Almeida, 2014). No Brasil, uma das principais referências nesse campo foi a psiquiatra Nise da Silveira, que, a partir da década de 1950, introduziu cães em práticas terapêuticas no Hospital Psiquiátrico do bairro Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, sendo reconhecida como precursora da TAA no país e também como uma referência em psiquiatria humanizada (Almeida, 2014; Rocha, 2015).

Desde a pré história até os dias atuais essa convivência foi se consolidando, e despertou interesse científico especialmente no período entre a década de 1960 e

1980 devido ao seu potencial terapêutico (Almeida, 2014).

Atualmente, a International Association of Human Animal Interaction Organizations (IAHAIO), uma instituição dedicada a trabalhos terapêuticos com animais, sistematizou a prática ao diferenciar os tipos de intervenção: a Terapia Assistida por Animais (TAA) e a Atividade Assistida por Animais (AAA), cada uma com finalidades específicas no cuidado à saúde (IAHAIO, 2014). O objetivo da sistematização também era não confundir as práticas com as atividades com animais de estimação (Almeida, 2014).

2.2 As práticas integrativas e complementares em saúde

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são um conjunto de recursos terapêuticos voltados tanto para a prevenção de doenças quanto para auxiliar nos tratamentos de saúde. Essas práticas compreendem o indivíduo em sua totalidade, considerando aspectos físicos, emocionais, mentais, espirituais e sociais, e têm como objetivo promover o cuidado integral e humanizado. Entre suas vantagens, destacam-se o caráter não medicamentoso, a priorização da escuta acolhedora, do vínculo terapêutico e da integração com o meio ambiente e a comunidade (Magalhães; Alvim, 2013; Soares; Girondole, 2021).

Além dos benefícios terapêuticos, as PICS também representam uma alternativa ao modelo biomédico tradicional, que historicamente tem privilegiado a medicalização e procedimentos invasivos (Telesi Junior, 2016). Dessa forma, os profissionais que atuam com essas práticas oferecem novas formas de promoção de saúde e cuidado, ampliando a compreensão sobre o saúde e doença (Telesi Junior, 2016). Outro aspecto relevante é sua viabilidade econômica, já que elas apresentam baixo custo de aplicação em comparação a outros tipos de tratamento, contribuindo para a redução de gastos em saúde pública (Soares; Girondole, 2021).

Apesar de sua relevância, estudos apontam que a aceitação das práticas integrativas pode estar associada ao descontentamento da população com os serviços convencionais disponíveis, bem como às limitações dos tratamentos medicamentosos, que em alguns casos apresentam eficácia reduzida e efeitos adversos (Fontanella *et al.*, 2007; Rodrigues-Neto *et al.*, 2008). Ainda assim, as práticas já implementadas pela PNPICT vêm se consolidando como estratégias relevantes para ampliar o acesso e diversificar os modos de cuidado em saúde.

Por fim, estudos recentes apontam que nem todas as práticas reconhecidas estão implementadas à PNPI, como o Tai Chi Chuan, oficinas de dança e grupos de suporte mútuo, mas que ainda assim podem trazer benefícios para a saúde (Aguiar; Kanan; Masiero, 2019). Entre as principais demandas atendidas pelas PICS estão os transtornos mentais graves e leves, sintomas psicossomáticos, doenças crônicas, além da busca por alternativas à medicalização excessiva (Nascimento; Oliveira, 2016). Assim, elas se configuram como recursos complementares que fortalecem a assistência em saúde, promovendo qualidade de vida, autocuidado e bem-estar (Aguiar; Kanan; Masiero, 2019; Soares; Girondole, 2021).

2.3 Fundamentos teóricos e fisiológicos da interação humano–animal

O interesse no estudo da relação terapêutica entre humanos e cães tem crescido cada vez mais nas últimas décadas, especialmente devido aos efeitos positivos observados no comportamento e na saúde mental de indivíduos em diferentes contextos de cuidado. Pesquisas indicam que os cães exercem efeitos despatologizantes, capazes de reduzir o estresse e a ansiedade, além de favorecerem a socialização e o engajamento entre pacientes (Uliana; Cunha, 2020). De forma semelhante, estudos também apontam que animais de estimação em geral contribuem para a diminuição da solidão, o estímulo à prática de atividades físicas e a criação de rotinas mais equilibradas, favorecendo a saúde emocional e o bem-estar psicossocial (Alberguini *et al.*, 2025).

De acordo com a International Association of Human Animal Interaction Organizations (IAHAIO), as Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) englobam três modalidades distintas: as Atividades Assistidas por Animais (AAA), voltadas a ações recreativas e motivacionais, a Educação Assistida por Animais (EAA), desenvolvida com foco pedagógico e psicossocial, e a Terapia Assistida por Animais (TAA), que se caracteriza por intervenções dirigidas e conduzidas por profissionais da saúde, com o objetivo de promover melhorias cognitivas, físicas, emocionais e sociais (IAHAIO, 2014). Essa classificação destaca o caráter multidimensional das interações humano–animal e a importância de compreender seus mecanismos de ação dentro de contextos clínicos, educacionais e sociais.

Do ponto de vista fisiológico, pesquisas sugerem que o contato com cães está associado à modulação hormonal, especialmente à liberação de endorfinas, dopamina e ocitocina, substâncias relacionadas ao prazer, à vinculação e à redução

da dor (Berlanda, 2021). Mims e Waddell (2016) observaram que o ato de acariciar um animal de terapia pode gerar sensação de relaxamento e bem-estar, diminuindo a percepção de dor, solidão e depressão. Berlanda (2021) acrescenta que interações breves, entre cinco e vinte e quatro minutos, são suficientes para elevar os níveis de ocitocina tanto em humanos quanto nos cães, evidenciando uma resposta neurofisiológica recíproca que fortalece o vínculo afetivo entre as espécies.

Segundo Silva, Raniero e Alvarez (2014), os cães reagem positivamente a estímulos táteis, auditivos e visuais, correspondendo com gestos afetivos que reforçam a conexão emocional com o paciente. Essa responsividade, a facilidade de adestramento e elevada sensibilidade aos sinais humanos os torna parceiros ideais em intervenções que envolvem contato físico e emocional, favorecendo a empatia e o envolvimento do indivíduo no processo terapêutico.

O uso terapêutico de cães foi sistematizado por Boris Levinson, considerado um dos pioneiros na integração de animais em contextos clínicos. Levinson observou que a presença do cão facilitava a expressão emocional dos pacientes e reduzia a necessidade de medicamentos psicotrópicos, ao criar um ambiente de confiança e acolhimento (Kruger; Serpell, 2006; Almeida, 2014).

A aproximação entre humanos e animais pode ser compreendida também através da hipótese da Biofilia, proposta por Edward O. Wilson (1984), que explica que o ser humano possui uma tendência inata a se conectar com outras formas de vida. Essa necessidade biológica de vínculo com a natureza e com os animais estaria associada ao equilíbrio emocional e ao bem-estar psicológico (Zanatta *et al.*, 2019). Assim, a interação com cães não se limita a um componente lúdico ou afetivo, mas também envolve mecanismos psicobiológicos que contribuem para a regulação emocional, o enfrentamento de situações de vulnerabilidade e a promoção da saúde mental de forma integral.

Dessa forma, os fundamentos teóricos e fisiológicos que sustentam as Intervenções Assistidas por Animais evidenciam que a relação humano-animal transcende o campo simbólico e afetivo, alcançando dimensões psicobiológicas e comportamentais que justificam sua aplicação clínica. A compreensão desses processos é essencial para o avanço científico e ético das práticas assistidas por cães, favorecendo a integração entre pesquisa, cuidado e promoção da saúde.

2.4 Benefícios e limitações da TAC

A TAA, especialmente quando realizada com cães (TAC), tem demonstrado resultados positivos em diferentes contextos da saúde. A intervenção terapêutica tem evidências de melhorias na coordenação motora, relaxamento, concentração e redução da ansiedade, promovendo maior tranquilidade e autoconfiança aos pacientes (Vaccari; Almeida, 2007; Almeida, 2014). Além dos efeitos psicológicos, também há registros de benefícios fisiológicos, como diminuição da frequência cardíaca, da pressão arterial e da percepção de dor, acompanhados de maior sensação de bem-estar e bom humor (Ichitani; Cunha, 2016).

Segundo Reed, Ferrer e Villegas (2012) em ambientes hospitalares, a TAC contribui para reduzir o estresse, aliviar o sofrimento emocional e facilitar a adaptação ao processo de internação. Crianças hospitalizadas, por exemplo, apresentaram menor trauma da hospitalização, enquanto adultos em tratamento de câncer relataram diminuição da ansiedade e preferência pela visitação dos cães em comparação às visitas humanas (Reed; Ferrer; Villegas, 2012). Ainda em relação às crianças, a presença de animais na ala pediátrica pode estimular o relaxamento e facilitar a interação com outras crianças e profissionais (Vaccari; Almeida, 2007).

O vínculo estabelecido entre humanos e cães, mediado pelo hormônio ocitocina, reforça a experiência de afeto e proximidade, tornando a interação terapêutica uma ferramenta eficaz de humanização do cuidado (Tavera; Sena, 2016). Apesar dos benefícios evidenciados, a prática também apresenta limitações que precisam ser consideradas. Entre as principais contraindicações estão alergias, problemas respiratórios, feridas abertas, comportamento agressivo ou medo de animais, além de riscos associados a zoonoses (Ferreira; Gomes, 2018). Para garantir segurança e efetividade, a terapia deve ser conduzida por profissionais da saúde, com participação de psicólogos e supervisão de médicos veterinários, além de sessões planejadas e registradas conforme os objetivos terapêuticos (Ferreira; Gomes, 2018). Esses aspectos ressaltam tanto o potencial transformador da TAC quanto a necessidade de protocolos adequados para sua aplicação em contextos institucionais.

Rocha (2015) afirma que a TAC é uma intervenção com custo-efetivo, ou seja, que possui um custo baixo e alta eficiência. Além disso, seu estudo aponta múltiplos benefícios físicos e emocionais, e que o olhar profissional também faz diferença sobre a intervenção, entendendo qual o momento certo e como abordar corretamente. Rocha (2015, p. 89) ilustra o aspecto afetivo da TAC: “Meu sonho era

rever meu cachorro!'; 'Sinto falta do meu cão!' vindo de um paciente oncológico, pode ser uma fala a mais, se não encontrar escuta por parte de alguém. Mas eis que esse alguém é um Psicólogo que, acompanhado por um grupo de profissionais de saúde, são capazes de deixar-se afetar pelo pedido, permitindo que ele produza afetos em seus corpos e desdobre-se em ação terapêutica (do grego *therapéia*, que significa 'cuidado', 'solicitude'). Neste trecho, observa-se que a TAC não atua apenas em nível clínico, mas também como um campo simbólico, afetivo e relacional e que evidência a importância da escuta qualificada dentro do ambiente hospitalar.

3. Metodologia

Para o desenvolvimento deste artigo, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, com o objetivo de analisar e aprofundar o conhecimento teórico a respeito das contribuições e limitações da TAC no cuidado à saúde mental em diferentes contextos clínicos e institucionais. Essa metodologia foi escolhida por possibilitar uma compreensão abrangente e fundamentada sobre o tema, permitindo reunir e comparar resultados de estudos que investigam experiências, benefícios, desafios e perspectivas da utilização de cães como co-terapeutas em práticas terapêuticas voltadas ao bem-estar psicológico.

Considerou-se, inicialmente, a realização de estudos voltados ao contexto hospitalar. Contudo, a fragilidade imunológica dos pacientes e as exigências de biossegurança ainda limitam a implementação da TAC nesses ambientes.

A pesquisa foi conduzida a partir da seguinte questão norteadora: "Quais são as principais contribuições e desafios da Terapia Assistida por Cães (TAC) no cuidado à saúde mental, segundo uma revisão sistemática da literatura?". Com base nessa pergunta, realizou-se o processo de levantamento, seleção e análise dos materiais científicos, buscando identificar os principais pontos convergentes e lacunas de conhecimento presentes nas produções da área.

A revisão sistemática caracteriza-se pela aplicação de métodos organizados e transparentes de busca, seleção e avaliação crítica de estudos relevantes, publicados em formato impresso ou eletrônico. Essa modalidade de pesquisa segue um protocolo rigoroso que inclui leitura criteriosa, comparativa e interpretativa, permitindo evidenciar tendências, resultados e contradições no campo de investigação, contribuindo assim para o avanço do conhecimento científico (Rother, 2007).

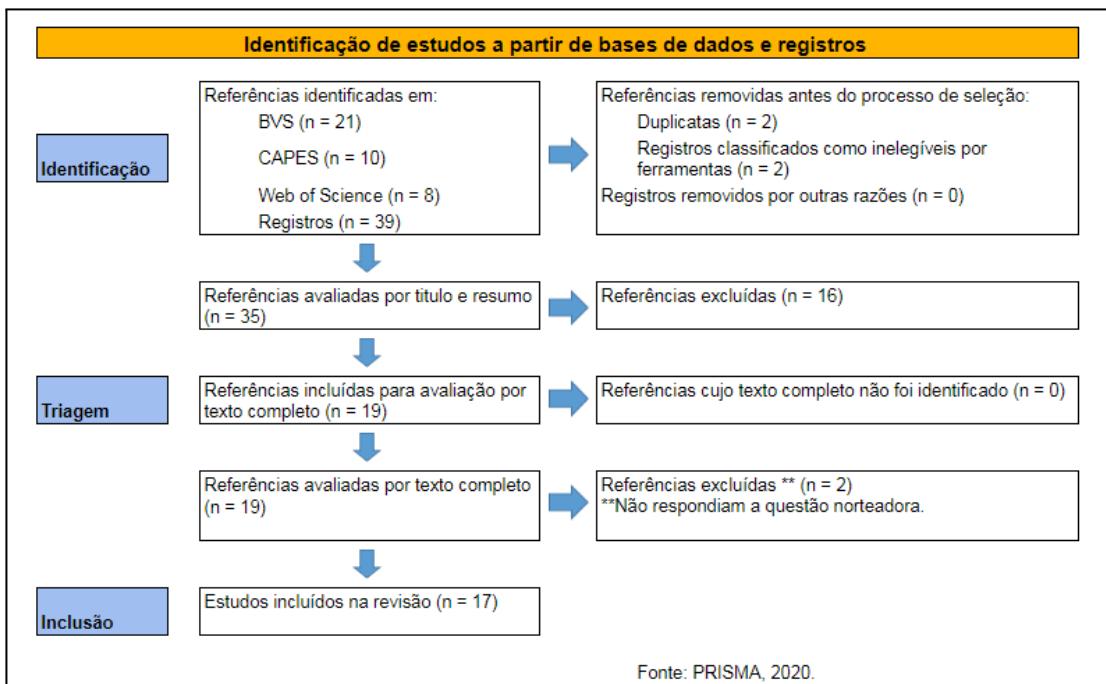
Para a realização desta pesquisa, efetuou-se uma busca eletrônica de artigos científicos nacionais e internacionais, publicados nas seguintes bases de dados: BVS, CAPES e Web of Science. As buscas foram conduzidas em português e espanhol, a fim de ampliar o alcance e a diversidade das fontes consultadas. Para a pesquisa de artigos nacionais utilizou-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Terapia Assistida por Animais” AND “Cães”, e para a pesquisa de artigos internacionais utilizou-se os seguintes descritores: “Terapia Asistida por Animales” AND “Perros”.

3.1 Critérios de inclusão e exclusão

Foram considerados elegíveis para análise os artigos científicos publicados entre Janeiro de 2020 até o mês de Junho de 2025, escritos em português e espanhol, disponíveis na íntegra para acesso eletrônico nas bases mencionadas. Os estudos selecionados deveriam abordar, como tema central, a TAA com ênfase em intervenções mediadas por cães em contextos diversos como clínicas, hospitais, instituições de longa permanência e centros terapêuticos. A estratégia de busca combinou os descritores com o operador booleano AND (E), de modo a refinar os resultados e garantir que os artigos tratassesem simultaneamente dos dois eixos temáticos principais. Essa combinação favoreceu a identificação de estudos com foco específico na TAC como instrumento complementar de cuidado à saúde.

Para garantir maior rigor na seleção, adotou-se como referência o protocolo PRISMA (2020), utilizado para sistematizar o processo de identificação, triagem e inclusão dos estudos. Inicialmente, realizou-se a leitura dos títulos e resumos para verificar a adequação aos critérios estabelecidos. No total, foram encontrados 39 artigos, sendo 30 nacionais e 9 internacionais. Após essa etapa foram excluídos 18 artigos por não atenderem aos critérios de inclusão, seja por abordarem espécies diferentes de animais, contextos não relacionados à saúde mental ou por apresentarem pouca compatibilidade com os objetivos desta pesquisa. Além disso, 2 artigos foram descartados por estarem indisponíveis na íntegra e 2 foram removidos por duplicidade. Dessa forma, 17 artigos foram selecionados para a realização da análise.

Imagen 1: Fluxo da seleção de artigos segundo o Protocolo PRISMA



Fonte: Adaptado de PRISMA (2020) e Page *et al.* (2020).

4. Análise

A análise dos dados consiste em examinar criticamente a literatura selecionada, identificando os principais padrões metodológicos, contextuais e temáticos presentes nos estudos que abordam a TAC. A partir da leitura aprofundada dos 17 artigos científicos, buscou-se compreender como ela tem sido estruturada, aplicada e avaliada em diferentes contextos clínicos e populacionais. Além disso, considerou-se tanto a diversidade metodológica e os impactos observados nos participantes quanto as limitações e desafios que permeiam a implementação da TAC. Dessa forma, esta seção apresenta uma síntese interpretativa dos resultados identificados, organizada em categorias analíticas que permitem discutir os principais avanços, benefícios, desafios e perspectivas futuras da prática terapêutica mediada por cães.

4.1 Padrões metodológicos e contextuais

A literatura analisada dos 17 estudos incluídos na revisão demonstram uma ampla variedade de delineamentos metodológicos empregados nas pesquisas sobre TAC, refletindo a multidisciplinaridade e adaptação dessa intervenção. Observou-se que os estudos estão principalmente focados em contextos clínicos e institucionais, envolvendo populações com demandas específicas de saúde física, emocional ou

cognitiva. A predominância de estudos qualitativos e experimentais revela um interesse em compreender não apenas os principais efeitos da terapia, mas também as percepções subjetivas e o impacto psicossocial da presença dos cães nos processos terapêuticos.

Entre os delineamentos metodológicos identificados, destacam-se revisões integrativas (Duque; Tabares, 2024; Lima; Leotty; Furlanetto, 2020; Paes *et al.*, 2021), estudos de caso (Ichitani *et al.*, 2021; Uliana; Cunha, 2020), pesquisas descritivas e observacionais (Prado; Pinheiro, 2022; Rodrigues *et al.* 2021; Jara *et al.* 2020), e ensaios experimentais (Figueiredo, Baratela; Roiz, 2025; Oms-Selva *et al.*, 2020; Vidal *et al.* 2020). Em comum, essas abordagens buscam evidenciar o papel terapêutico dos cães a partir de variáveis como socialização, coordenação motora, humor e ansiedade, em diferentes faixas etárias e condições de saúde. Essa diversidade metodológica indica que a TAC é uma intervenção de caráter flexível, aplicada conforme a necessidade e o contexto clínico de cada público.

Os ambientes em que a TAC foi aplicada variam desde instituições de longa permanência para idosos (Sousa *et al.*, 2022), clínicas de reabilitação infantil (Cruz *et al.*, 2024), Hospitais (Paes *et al.*, 2021; Jara *et al.* 2020; Vidal *et al.* 2020) até consultórios de fonoaudiologia e terapia ocupacional (Ichitani *et al.*, 2021; Figueiredo; Baratela; Roiz, 2025). Essa pluralidade contextual reforça o potencial da terapia como ferramenta complementar, promovendo bem-estar em diferentes níveis de desenvolvimento humano.

Em alguns casos, a amostra é composta por pacientes com condições clínicas complexas, como transtorno do espectro autista (Andrade; Morais, 2021; Figueiredo; Baratela; Roiz, 2025; Jara *et al.* 2020), transtorno do espectro alcoólico fetal (Vidal *et al.* 2020) demência (Oms-Selva *et al.*, 2020), deficiência intelectual (Uliana; Cunha, 2020) ou síndromes neurológicas, como a congênita do Zika vírus (Cruz *et al.*, 2024). Essa diversidade de perfis reforça a amplitude das aplicações terapêuticas dos cães, embora também evidencie desafios quanto à padronização dos protocolos.

Outro aspecto recorrente diz respeito à heterogeneidade dos protocolos de intervenção, tanto na duração das sessões quanto na frequência e na metodologia empregada. Duque e Tabares (2024) e Sant'Anna *et al.* (2024) observaram que a ausência de uniformidade nas sessões inviabiliza comparações estatísticas mais robustas entre estudos, bem como a falta de regulamentação legal da prática. Além

disso, poucos artigos descrevem de forma detalhada o treinamento dos cães, a formação dos terapeutas e as condições ambientais da intervenção, o que dificulta a replicação dos resultados. Ainda assim, há consenso sobre a importância da presença de profissionais qualificados e adestradores especializados para garantir o bem-estar animal e humano (Figueiredo; Baratela; Roiz, 2025; Sant'Anna *et al.*, 2024).

Por fim, nota-se que a maior parte dos estudos recentes, busca integrar a TAC a práticas de humanização do cuidado, alinhando-se a políticas públicas e diretrizes de promoção de saúde integral (Lima; Leotty; Furlanetto, 2020; Sousa *et al.*, 2022). Essa tendência demonstra que, embora ainda necessite de maior padronização metodológica, a TAC vem sendo consolidada como uma estratégia interdisciplinar de apoio psicossocial e clínico, com crescente reconhecimento acadêmico e institucional.

4.2 Contribuições e benefícios da TAC

A análise dos estudos revela um consenso sobre os efeitos positivos da TAC em diversos contextos de cuidado à saúde mental, destacando-se sua capacidade de promover melhorias emocionais, cognitivas, sociais e físicas. Os benefícios relatados abrangem desde a redução de sintomas de estresse, ansiedade e depressão, até o fortalecimento de vínculos afetivos, o estímulo à socialização e o aumento da motivação terapêutica (Alberguini *et al.*, 2025; Rodrigues *et al.* 2021; Silva *et al.*, 2024). Esses efeitos são atribuídos tanto à presença do animal, que desperta sentimentos de acolhimento e segurança, quanto à interação afetiva que favorece a liberação de ocitocina e endorfina, hormônios relacionados ao bem-estar (Sant'Anna *et al.*, 2024).

Nos estudos voltados ao público infantil, especialmente em casos de transtorno do espectro autista (TEA), observou-se que a presença do cão terapêutico favorece o desenvolvimento da coordenação motora e das habilidades sociais, além de proporcionar maior engajamento durante as atividades (Andrade; Morais, 2021; Figueiredo; Baratela; Roiz, 2025). Em um estudo quase-experimental com nove crianças com TEA, Figueiredo, Baratela e Roiz (2025) identificaram avanços significativos na coordenação motora fina, equilíbrio e autocontrole emocional, indicando que o cão atua como mediador relacional entre terapeuta e paciente, estimulando a autonomia e a cooperação.

Entre idosos institucionalizados, a TAC contribui para o aumento do ânimo, da socialização e da percepção de propósito, além de diminuir o isolamento e a apatia, conforme demonstrado na pesquisa de Sousa *et al.* (2022), na qual 94% dos participantes relataram melhora do humor e disposição após as sessões. Resultados semelhantes foram descritos por Oms-Selva *et al.* (2020) em um estudo com idosas diagnosticadas com demência, no qual se verificou redução de emoções negativas e maior tranquilidade durante as interações. Essas evidências reforçam o papel da terapia assistida como estratégia não farmacológica de cuidado humanizado, promovendo qualidade de vida e redução do uso de medicamentos.

Em contextos hospitalares, a TAC também apresenta resultados expressivos. Paes *et al.* (2021) observaram que as crianças diagnosticadas com câncer, submetidas à terapia com cães, apresentaram melhorias no humor, diminuição de sintomas depressivos e melhor adesão ao tratamento quimioterápico, incluindo também a promoção de um ambiente hospitalar mais acolhedor e menos estressante. Outras vantagens semelhantes também foram observadas por Lima, Leotty e Furlanetto (2020) como a melhora da comunicação entre pacientes, familiares e equipe de saúde, além da diminuição da dor percebida e da ansiedade. Jara *et al.* (2020) destaca a redução do uso de sedativos e anestesia geral em crianças com necessidades especiais durante procedimentos odontológicos quando realizados na presença do cão terapeuta.

De modo geral, os estudos convergem ao indicar que a TAC atua como instrumento facilitador da expressão emocional, fortalecendo o vínculo terapêutico e promovendo sentimentos de empatia, confiança e pertencimento. A presença do cão, ao despertar respostas emocionais positivas, contribui para o enfrentamento de situações de sofrimento e vulnerabilidade, configurando-se como uma prática de grande potencial integrativo no cuidado à saúde mental (Alberguini *et al.*, 2025; Silva *et al.*, 2024; Cruz *et al.*, 2024).

4.3 Desafios e limitações da TA

Apesar dos inúmeros benefícios observados, os 17 estudos analisados apontam que a TAC ainda enfrenta obstáculos metodológicos, estruturais e éticos que comprometem a consolidação dessa prática no campo científico e clínico. Um dos desafios diz respeito à falta de padronização nos protocolos de intervenção, o que dificulta a comparação entre estudos e a obtenção de evidências robustas sobre

sua eficácia (Sant'Anna *et al.*, 2024). A ausência de uniformidade é observada na duração e frequência das sessões, no número de participantes e nas variáveis avaliadas, resultando em uma grande heterogeneidade metodológica.

Outra limitação recorrente refere-se ao tamanho reduzido das amostras, que muitas vezes envolve menos de vinte participantes, limitando a generalização dos resultados (Oms-Selva *et al.*, 2020; Uliana; Cunha, 2020). Essa característica é atribuída ao caráter específico das intervenções, que exigem acompanhamento mais individualizado ou com mais profissionais envolvidos, e às dificuldades logísticas de implementação da TAC em ambientes institucionais. Além disso, estudos como o de Oms-Selva *et al.* (2020) destacam que a predominância de participantes do sexo feminino e a ausência de grupos controle comprometem a validade estatística das conclusões.

A literatura analisada também enfatiza desafios relacionados à formação dos profissionais e ao preparo dos animais. Figueiredo, Baratela e Roiz (2025) ressaltam a necessidade de equipes multiprofissionais qualificadas e cães devidamente adestrados, higienizados e com vacinas em dia para garantir tanto o bem-estar animal quanto a segurança dos pacientes. A falta de regulamentação clara sobre a atuação desses profissionais e sobre os critérios de certificação dos cães terapêuticos constitui um obstáculo importante para o reconhecimento institucional da TAC.

Em contextos hospitalares e clínicos, questões de biossegurança representam outro desafio significativo. Em especial na oncologia pediátrica, Paes *et al.* (2021) apontam que a fragilidade imunológica dos pacientes exige rigorosos protocolos de higiene e controle sanitário dos cães, o que limita a adoção da prática em alguns hospitais. Do mesmo modo, Lima, Leotty e Furlanetto (2020) e Rodrigues *et al.* (2021) mencionam o risco potencial de zoonoses e a falta de preparo técnico de parte das equipes de saúde, fatores que podem gerar resistência institucional a esse tipo de terapia.

Há ainda limitações ligadas à escassez de pesquisas de longo prazo e à falta de indicadores quantitativos sobre os impactos emocionais e fisiológicos da TAC. Muitos estudos concentram-se em observações imediatas pós-intervenção, sem acompanhamento longitudinal que permita avaliar a manutenção dos efeitos positivos (Silva *et al.*, 2024). Essa lacuna metodológica impede a formulação de diretrizes clínicas baseadas em evidências.

Por fim, os próprios autores reconhecem que a TAC, embora promissora, ainda carece de maior integração entre prática e pesquisa, além de políticas públicas que estimulem a formação de centros especializados e a produção científica nacional. A padronização de protocolos, a ampliação das amostras e o fortalecimento ético-profissional da área são considerados passos fundamentais para consolidar a terapia como recurso válido e seguro no cuidado à saúde mental (Sant'Anna *et al.*, 2024; Figueiredo; Baratela; Roiz, 2025).

4.4 Perspectivas futuras

As perspectivas futuras sobre a TAC apontam para a necessidade de maior integração entre evidências científicas e práticas clínicas, bem como para o fortalecimento teórico que sustente sua aplicabilidade nos diferentes contextos de saúde. Embora os estudos analisados demonstraram resultados promissores, ainda há carência de pesquisas longitudinais, controladas e com amostras ampliadas, capazes de mensurar com precisão os efeitos fisiológicos, emocionais e sociais da interação entre humanos e animais (Sant'Anna *et al.*, 2024; Figueiredo; Baratela; Roiz, 2025). Essa lacuna metodológica limita a formulação de protocolos baseados em evidências, o que impede que a TAC alcance reconhecimento institucional mais amplo.

As perspectivas de expansão da TAC envolvem sua incorporação em programas públicos de saúde mental e reabilitação, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS), onde o modelo de atenção integral valoriza práticas complementares e humanizadas. Sousa *et al.* (2022) ressaltam que intervenções mediadas por cães podem fortalecer a dimensão relacional do cuidado, contribuindo para a redução da medicalização excessiva e para a promoção de vínculos sociais significativos. Além disso, há crescente interesse em utilizar a TAC como ferramenta de apoio em educação inclusiva, reabilitação neuromotora e tratamento de transtornos de ansiedade e depressão (Andrade; Morais, 2021; Cruz *et al.*, 2024).

No cenário científico, espera-se que futuras pesquisas priorizem a multidisciplinaridade e a ética do cuidado, considerando não apenas os resultados para os pacientes, mas também o bem-estar dos animais envolvidos. A consolidação de referenciais teóricos sólidos e de parâmetros éticos específicos é essencial para que a TAC seja reconhecida como uma prática baseada em evidências e não apenas como intervenção alternativa. Assim, o avanço do campo

depende da articulação entre pesquisadores, profissionais da saúde e instituições de ensino, garantindo um desenvolvimento sustentável, ético e cientificamente fundamentado (Sant'Anna *et al.*, 2024; Alberguini *et al.*, 2025).

5. Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi entender as principais contribuições e desafios da TAC no cuidado à saúde mental. A revisão sistemática conduziu à seleção e análise de 17 artigos, evidenciando que a TAC representa uma prática complementar de cuidado com potencial significativo para promover benefícios emocionais, sociais, cognitivos e físicos em diferentes contextos clínicos e institucionais. Os estudos analisados destacam melhorias relacionadas à redução de sintomas de estresse, ansiedade e depressão, ao fortalecimento de vínculos afetivos e à ampliação da socialização, aspectos que contribuem para o bem-estar e o engajamento terapêutico. A presença do cão pode atuar como mediadora nas interações entre paciente e profissional, favorecendo a expressão emocional e o envolvimento nos processos de cuidado.

Apesar dos efeitos positivos observados, as pesquisas analisadas também apontaram limitações metodológicas que ainda dificultam a consolidação da TAC como prática reconhecida no campo científico. A ausência de padronização nos protocolos, a variação na duração e frequência das sessões, a diversidade de populações estudadas e o tamanho reduzido das amostras, apresentados nos estudos analisados, dificultam a comparabilidade entre os resultados e a generalização das conclusões. Além disso, também apontam que a escassez de estudos de longo prazo e de pesquisas experimentais mais robustas evidencia a necessidade de aprofundamento das investigações, para uma melhor sustentação da eficácia da terapia com base em evidências mais consistentes.

No campo da Psicologia e da saúde mental, a TAC se mostra relevante por favorecer o fortalecimento do vínculo terapêutico e ampliar as possibilidades de intervenção, especialmente em situações em que o sofrimento emocional dificulta a adesão aos métodos convencionais de tratamento. A interação humano-animal, ao despertar afetos positivos e proporcionar acolhimento, contribui para o enfrentamento de situações de vulnerabilidade emocional, configurando-se como uma estratégia complementar de cuidado humanizado.

Além disso, a TAC se apresenta como uma prática alinhada às tendências contemporâneas de cuidado integral e promoção de saúde, valorizando aspectos subjetivos, emocionais e sensoriais que muitas vezes não são plenamente contemplados em abordagens tradicionais. A inclusão de animais no contexto terapêutico mobiliza não apenas respostas emocionais, mas também mecanismos fisiológicos associados ao bem-estar, como a liberação de hormônios relacionados ao afeto e à redução do estresse. Essa perspectiva amplia a compreensão dos processos terapêuticos, reforçando a importância de abordagens que integrem corpo, mente e relações sociais. Ademais, a crescente demanda por intervenções inovadoras e humanizadas sugere espaço para expansão profissional e para o desenvolvimento de novas práticas baseadas em evidências, contribuindo para o fortalecimento do campo e para a qualificação do atendimento em saúde mental.

Diante do panorama apresentado destaca-se, nos estudos selecionados, a importância de novos estudos sobre o tema com padronização dos protocolos, ampliação das amostras e formação de equipes multiprofissionais qualificadas, assegurando tanto a segurança dos pacientes quanto o bem-estar dos animais. Sugere-se que pesquisas futuras explorem a aplicação da TAC em diferentes faixas etárias e condições clínicas, avaliem seus efeitos a longo prazo e ampliem sua inserção em programas públicos de saúde mental e reabilitação.

O fortalecimento teórico, metodológico e ético dessa prática é fundamental para sua consolidação como recurso complementar na promoção da saúde integral, contribuindo para o avanço das práticas interdisciplinares e para a humanização dos cuidados em saúde mental.

Referências

AGUIAR, J.; KANAN, L. A.; MASIERO, A. V. Práticas integrativas e complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, p. 1205-1218, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912318>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/5NdgGYwFCNsQPWZQmZymcqM/?lang=pt>>. Acesso em: 09 set. 2025.

ALBERGUINI, A. *et al.* **Pet é afeto que cura: a influência dos animais na saúde mental**. Curitibanos: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2025.

ALMEIDA, E. A. Educação, atividade e terapia assistida por animais: revisão integrativa de produções científicas brasileiras. 2014. 147 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da

Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014.

ANDRADE, L. M.; MORAIS, M. Benefícios da terapia com animais em crianças com transtorno do espectro autista. **Núcleo do Conhecimento**, v. 7, n. 1, p. 74-89, 2021. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/saude/terapia-com-animaais. Disponível em: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/busador.html?task=detalhes&source=all&id=W3128894501>>. Acesso em: 13 out. 2025.

BERLANDA, J. B. Terapia assistida por animais para crianças que vivenciam uma doença oncológica como uma boa prática de enfermagem: revisão integrativa de literatura. 2021. 61 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Enfermagem). Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas integrativas e complementares em saúde (PICS): recursos terapêuticos**. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/recursos-terapeuticos>>. Acesso em: 21 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS)**. 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics>>. Acesso em: 21 ago. 2025.

CRUZ, T. M. A. V. et al. Terapia com cães para crianças com síndrome do zika: percepção de mães e profissionais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 45, e20230214, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2024.20230214.pt>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/MNqhSnf7jNPYg77SQNKZXHK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 17 out. 2025.

DUQUE, M. C. C.; TABARES, A. S. G. Evolución de la investigación de las Intervenciones asistidas con animales: un estudio cienciométrico. **Universitas Psychologica**, v. 23, p. 1-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy23.eiia>. Disponível em: <<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/31854>>. acesso em: 22 ago. 2025.

FERREIRA, A. P. S.; GOMES, J. B. Levantamento histórico da terapia assistida por animais. **Revista Multidisciplinar Pey Kéyo Científico**, v. 3, n. 1, p. 71-92, 2018. Disponível em: <https://patastherapeutas.com.br/pesquisas/data/files/82/1599487187_rq0maL6L9VR9IEj.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2025.

FIGUEIREDO, M. O.; BARATELA, L. R.; ROIZ, R. G. Terapia ocupacional assistida por cães: propostas de atividades para crianças no transtorno do espectro autista. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade São Paulo**, São Paulo, v. 35, n. 1-3, E222847, 2025. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v35i1-3e222847. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1619926>>. Acesso em: 17 out. 2025.

FONTANELLA, F. *et al.* Conhecimento, acesso e aceitação das práticas integrativas e complementares em saúde por uma comunidade usuária do Sistema Único de Saúde na cidade de Tubarão/SC. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 36, n. 2, p. 69-74, 2007. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-464650>>. Acesso em: 09 set. 2025.

ICHITANI, T. *et al.* Efeitos da presença do cão na expressão de conteúdos psíquicos de um sujeito que gagueja: estudo de caso. **CoDAS**, v. 33, n. 2, p. 1-4, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019267>. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1249609>>. Acesso em: 17 out. 2025.

ICHITANI, T.; CUNHA, M. C. Atividade assistida por animais e sensação de dor em crianças e adolescentes hospitalizados. **Rev Dor**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 270-273, 2016. DOI: 10.5935/1806-0013.20160087. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/r dor/a/5BKCZz8jBYPGRSkvD7hRg4r/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

INTERNATIONAL ASSOCIATION HUMAN-ANIMAL INTERACTION. The IAHAIO definitions for animal assisted intervention and guidelines for wellness of animals involved in AAI. IAHAIO, 2014.

JARA, M. G. *et al.* Experiencia de terapia asistida con animales en una unidad de odontopediatría. **International Journal of Medical and Surgical Sciences**, v. 7, n. 3, p. 1-12, 2020. DOI: 10.32457/ijmss.v7i3.561. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1151904>>. Acesso em: 16 out. 2025.

KRUGER, K. A.; SERPELL, J. A. Animal-Assisted interventions in mental health: definitions and theoretical foundations. In: FINE, A. H. **Handbook on animal-assisted therapy: theoretical foundations and guidelines for practice**. 2. ed. Nova York: Academic Press, 2006. p. 21-38.

LIMA, M. M. C.; LEOTTY, C. L. R.; FURLANETTO, M. P. Terapia assistida por animais nos cuidados paliativos. **Fisioterapia Brasil**, v. 21, n. 4, p. 417-427, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33233/fb.v21i4.3667>. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1283416>>. Acesso em: 16 out. 2025.

MACHADO, A. C. *et al.* Terapia assistida por cães na área da saúde: uma revisão de literatura. **Revista Médica Minas Gerais**, v. 30, e-30208, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20200063>. Disponível em: <<https://www.rmmg.org/exportar-pdf/2726/e30208.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2025.

MAGALHÃES, M. G. M.; ALVIM, N. A. T. Práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem: um enfoque ético. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 4, p. 646-653, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20130007>. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000400646&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2025.

MARTINS, M. H. F.; RODRIGUES, G. Z. P. Terapia assistida por animais: uma abordagem integrativa para a saúde mental e o bem-estar animal. **Studies in Environmental and Animal Sciences**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 1-29, 2025. DOI: <https://doi.org/10.54020/seasv6n1-002>. Disponível em: <<https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/seas/article/view/14635>>. Acesso em: 22 maio 2025.

MEDEIROS, A. J. S.; CARVALHO, S. D. Terapia assistida por animais a crianças hospitalizadas: revisão bibliográfica. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, XVI, 2008. Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2008. Disponível em: <<https://prp.unicamp.br/pibic/congressos/xvicongresso/paineis/058832.pdf>>(<https://prp.unicamp.br/pibic/congressos/xvicongresso/paineis/058832.pdf>). Acesso em: 25 ago. 2025.

MIMS, D.; WADDELL, R. Animal assisted therapy and trauma survivors. **Journal of Evidence-Informed Social Work**, v. 13, n. 5, p. 452-457, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/23761407.2016.1166841>. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27210487/>>. Acesso em: 24 ago. 2025.

NASCIMENTO, M. V. N.; OLIVEIRA, I. F. As práticas integrativas e complementares grupais e sua inserção nos serviços de saúde da atenção básica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 21, n. 3, p. 272-281, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160026>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2016000300272&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 set. 2025.

OMS-SELVA, C. *et al.* Terapia asistida con perros, intervención complementaria al tratamiento de personas con demencia: estudio cuasi-experimental. **Tog (A Coruña)**, v.1, n. 2, p. 160-167, 2020. DOI: S1885-527X2020000200008. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-198813>>. Acesso em: 18 out. 2025.

PAES, A. G. A. *et al.* Terapia assistida por cães na pediatria oncológica: uma revisão integrativa. **Vitalle - Revista de Ciências da Saúde**, v. 33, n. 3, p. 68-75, 2021. DOI: 10.14295/vitalle.v33i3.12544. Disponível em: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/busador.html?task=detalhes&source=all&id=W4200115821>>. Acesso em: 20 out. 2025.

PAGE, M. J. *et al.* A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 31, n. 2, e2022107, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742022000200033>. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-4974202200020170&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 set. 2025.

PEREIRA, M. D. *et al.* Contribuições da terapia assistida por animais para a saúde mental: uma revisão da literatura. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, v. 6, n. 3, p. 247-260, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/9335>>. Acesso em: 22 maio 2025.

PRADO, C. M. C. S.; PINHEIRO, S. L. Fisioterapia com brinquedos e terapia assistida por cães em lactentes: estudo observacional. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 29, n. 2, p. 189-195, 2022. DOI: 10.1590/1809-2950/21024329022022PT. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fp/a/8ZDPgkt953Ryc8zyYVzDBfr/?lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2025.

PRISMA. PRISMA 2020 flow diagram. **PRISMA**, 2020. Disponível em: <<https://www.prisma-statement.org/prisma-2020-flow-diagram>>. Acesso em: 12 set. 2025.

REED, R.; FERRER, L.; VILLEGRAS, N. Curadores Naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 20, n. 3, p. 1-7, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000300025>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/pg4xnvGLyfnf9pQCmJdfs3K/?lang=pt>>. Acesso em: 22 ago. 2025.

ROCHA, R. C. Visita de animal de estimação: proposta de atividade terapêutica assistida por animais a pacientes internados em hospital oncológico. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015.

RODRIGUES, N. J. L. *et al.* Benefícios da pet terapia: a interação entre os animais e as crianças. **Veterinária e zootecnia**, v. 28, p. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1503659>>. Acesso em: 01 set. 2025.

RODRIGUES-NETO, J. F. *et al.* Transtornos mentais comuns e o uso de práticas de medicina complementar e alternativa: estudo de base populacional. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n. 4, p. 233-239, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852008000400002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852008000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2025

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v - vi, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=es>>. Acesso em: 10 set. 2025.

SANT'ANNA, A. V. *et al.* Terapia com animais como intervenção de enfermagem para manejo da dor: revisão sistemática. **Reme: Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 28, e-1543, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.35699/2316-9389.2024.42225>. Disponível em:

<http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622024000100402&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 out. 2025.

SERPELL, J. A. As perspectivas históricas e culturais das interações dos seres humanos com animais de estimação. In: MCCARDLE, P.; McCUNE, S.; GRIFFIN, J. A.; ESPOSITO, L.; FREUND, L. S. (Org.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos**. Campinas: Papirus, 2011. p. 27-40.

SILVA, L. C. A. et al. A terapia assistida por animais (TAA) no cuidado ao paciente hospitalizado: relato de experiência. In: SALÃO DO CONHECIMENTO, XIX, 2018. **Anais eletrônicos...** UNIJUÍ, 2018. Disponível em: <<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/9761>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SILVA, M. A. F. et al. Benefícios da relação entre o cão e seu tutor com sintomas de estresse, ansiedade e depressão: revisão de literatura. **Cuadernos de educación y desarrollo**, v. 16, n. 2, p. 1-17, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n2-101>. Disponível em: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4392296495>>. Acesso em: 20 out. 2025.

SILVA, N. B.; RANIERO, E. P.; ALVAREZ, C. D. L. Benefícios da terapia assistida por animais no desenvolvimento motor de crianças com Síndrome de Down. **Saúde, Batatais**, v. 2, n. 1, p. 67-82, 2014. Disponível em: <<http://web-api-claretiano-edu-br.s3.amazonaws.com/cms/biblioteca/revistas/edicoes/6059fe954ea91f55e762493b/605b700828675c916d868dbf.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SILVA, N. et al. O papel profissional do médico-veterinário na atividade de Terapia Assistida por Animais (TAA). **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 2, p. 24-30, 2017. DOI: 10.36440/recmvz.v15i2.37333. Disponível em: <<https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/37333>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SOARES, M. C. R.; GIRONDOLE, Y. M. **Práticas integrativas e complementares em saúde (PICS)**. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), 2021.

SOUSA, T. F. et al. Terapia assistida por animais como agente transformador na saúde de idosos em uma instituição de longa permanência da região metropolitana de Goiânia. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, e257111738576, 2022, DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i17.38576>. Disponível em: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4313327322>>. Acesso em: 18 out. 2025.

SQUILASSE, A. F.; SQUILASSE JUNIOR, F. T. Intervenções assistidas por animais: Considerações gerais. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 16, n. 2, p. 30-35, 2018. DOI: 10.36440/recmvz.v16i2.37778. Disponível em:

<<https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/37778>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

TAVERA, N. P.; SENA, J. A. O. Terapia assistida com animales: aproximación conceptual a los beneficios del vínculo humano - animal. **Kavilando**, v. 8, n. 2, p. 221-228, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5909317>>. Acesso em: 19 ago. 2025.

TELESI JUNIOR, E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos avançados**, v. 30, n. 86, p. 99-112, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.00100007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000100099>. Acesso em: 09 set. 2025.

ULIANA, R. S.; CUNHA, M. C. Intervenções Assistidas por Animais na expressão psíquica de Deficientes Intelectuais Adultos (IAA e Deficiência intelectual). **Distúrbios da Comunicação**, v. 32, n. 1, p. 114-123, 2020. DOI: 10.23925/2176-2724.2020v32i1p114-123. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/42526>>. Acesso em: 18 out. 2025.

VACCARI, A.; ALMEIDA, F. A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. 2007. 6 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Enfermagem), Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein (FEHIAE), São Paulo, 2007.

VIDAL, R. *et al.* Terapia asistida con Perros en niños y adolescentes con trastorno del espectro alcohólico fetal. **Psicosomática y Psiquiatría**, n. 13, p. 41-49, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34810/PsicosomPsiquiatrnum1306>. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-198564>>. Acesso em: 18 out. 2025.

ZANATTA, A. A. *et al.* Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos. **Saúde em debate**, v. 43, n. 122, p. 949-965, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912223>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/SK98z3dSgbxcPSNVtdzbf7g/?lang=pt>>. Acesso em: 24 ago. 2025.